

Brasil urgente: investir!



Antônio Ermírio de Moraes,
empresário

D S T Q Q S S

EM 2003, A CORRETORA Goldman Sachs criou o termo BRICS para se classificar aos países que tinham a maior potencialidade de crescimento, referin-

do-se, especificamente ao Brasil, Rússia, Índia e China.

O termo pegou. No começo, o Brasil entrava como uma grande esperança. Hoje, as luzes se concentram apenas nos outros três países. No último número da revista *Veja*, há uma síntese do que está acontecendo. Enquanto que o Brasil, em 2006, cresceu apenas 2,9%, a Rússia cresceu 6,7%, a Índia 8,2% e a China 10,2%. São diferenças brutais e que colocam o Brasil na rabeira.

A mesma matéria esclarece grande parte desse fiasco. Enquanto a China investiu 47,8% do PIB, a Rússia 33,5% e a Índia 29,3%, os investimentos do Brasil, tudo somado, mal ultrapassaram os 21% e, mesmo assim, há analistas que consideram não ter

chegado a isso. A poupança interna da China está na estratosfera: 47,8%. A da Rússia, 33,5%, a da Índia 29,3% e a do Brasil, só 25%. Por outro lado, nossa carga tributária é de 38%, a da Rússia, 31%; a da Índia, 17%; e a da China, 16%.

Não podemos contar eternamente com o dinamismo externo. Precisamos fazer a nossa lição de casa

A taxa de juros reais é a mais alta do mundo. O déficit previdenciário é explosivo, tendo chegado a mais de R\$ 70 bilhões quando se computam os siste-

mas público e privado. As despesas da União poderão chegar a 19% do PIB em 2007 (eram menos de 10% em 1991). Os economistas defendem que os “fundamentos” da nossa economia são sólidos – as reservas cambiais chegam perto de US\$ 100 bilhões, a dívida externa diminuiu, o câmbio continua livre e as exportações vão bem.

Mas será que isso encerra o elenco dos “fundamentos”? O que dizer da incapacidade do Estado para investir em infra-estrutura? O que dizer da estratosférica taxa de juros reais, que só serve para atrair dinheiro especulativo? O que dizer da anêmica atração de capitais para projetos produtivos? O que dizer da irrisória taxa de formação de capital em relação ao PIB?

Se estes aspectos entrarem no conceito de fundamentos, penso que o quadro muda. As vulnerabilidades da economia brasileira são imensas e ficaram crônicas – sem que os governantes se disponham a atacá-las de frente. Não podemos nos iludir. O desempenho dos últimos quatro anos foi reflexo, em grande parte, do alto dinamismo da economia mundial e, mesmo assim, não conseguimos crescer mais de 2,5% em média.

Os sinais de desequilíbrio se agravam a cada dia quando se vê que agricultores e industriais de vários setores só conseguem exportar com prejuízo. Até onde vai isso? Não podemos contar eternamente com o dinamismo externo. Precisamos fazer a nossa lição de casa.